

Um Centenário Lutuoso

A 22 de Julho de 1884, com 41 anos e na sua residência na Rua de D. Luís I (actual das Trinas), em Guimarães, faleceu o Padre António José Ferreira Caldas, autor dos dois volumes intitulados GUIMARÃES—*Apontamentos para a sua História*—, que foram publicados em 1881.

Nesta altura ainda se não encontravam extintos os ecos dos entusiasmos nascidos das inaugurações do caminho de ferro da Trofa a Guimarães e da memorável Exposição Industrial que abrira no Palácio de Vila Flor em 15 de Junho desse mesmo ano de 1884 e só foi encerrada em 26 do mês seguinte.

O Padre António José Ferreira Caldas nasceu na freguesia de S. Sebastião a 3 de Fevereiro de 1843. Era filho de D. Maria Máxima da Siva Caldas e de António José Ferreira Caldas. Tendo frequentado os preparatórios no Liceu de Braga, concluiu no Seminário do Porto, com brilho o curso de Teologia.

Embora tivesse recebido ordens de presbítero a 11 de Junho de 1870, fez a sua estreia de orador sagrado no dia 18 de Março desse ano na conferência quaresmal que pronunciou na igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos.

Manteve assídua colaboração na *Religião e Pátria*, na *Fraternidade* e em vários outros órgãos, tanto da imprensa local como do País, e foi um dos principais fundadores do *Espectador*, no qual publicou apreciados artigos sobre arqueologia e história de Guimarães.

Em 1870 colaborou, também, numa peça dramática em quatro actos, intitulada *Saudade — episódios de um reinado*.

Em 1873 escreveu e publicou um opúsculo intitulado *Local e Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na Serra de Santa Catarina*, que viria a ser reimpresso em 1887, e cujo produto reverteu em favor dos melhoramentos que então se projectavam na Penha de cujas belezas naturais ele foi um entusiástico propagandista, como se comprova nesta passagem do referido opúsculo:



Padre António José Ferreira Caldas

«Chegados aqui vemo-nos colocados no centro duma bacia enorme, cujas orlas são formadas ao nascente por montanhas elevadíssimas, que se destacam em majestoso anfiteatro, prolongado ainda para além das raias desta província; ao norte, além de outras, pelas cordilheiras do Gerês, notáveis pela beleza e novidade da sua vegetação, e pela caça brava, sempre abundante, naquelas paragens; ao sul pela serra do Marão; sendo fechada a poente pelo Atlântico, que se avista, como largas fitas de prata, nas alturas de Matosinhos, Vila do Conde, Póvoa de Varzim e Viana do Castelo.»

Acompanhou com entusiasmo a construção do caminho de ferro da Trofa a Guimarães e fez entrega, em 10 de Abril de 1884, nas vésperas da sua inauguração, à constituída Comissão de Recepção, de um hino de título condizente com o acto, «Locomotiva de Guimarães», que disse ser da autoria de um amador vimaranense e faz supor fosse da autoria do próprio Padre Caldas. Esteve presente nas cerimónias então realizadas, com grande regozijo da população, na sua qualidade de Presidente da Associação Clerical.

Mas a obra que lhe deu assinalado renome foi *GUIMARÃES — Apontamentos para a sua História* —, em que reuniu valiosos subsídios para a História de Guimarães e é ainda hoje uma boa fonte de consulta que muito aproveita aos estudiosos.

Foi sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses e da Sociedade de Geografia, colectividades estas em que era muito justamente considerado.

Depois da publicação do *GUIMARÃES* continuou a recolher novos elementos que destinava a uma série de monografias sobre etnografia e arqueologia respeitantes a todas as freguesias do concelho. Mas o seu prematuro falecimento não permitiu que fossem concluídos.

Manuel Alves de Oliveira